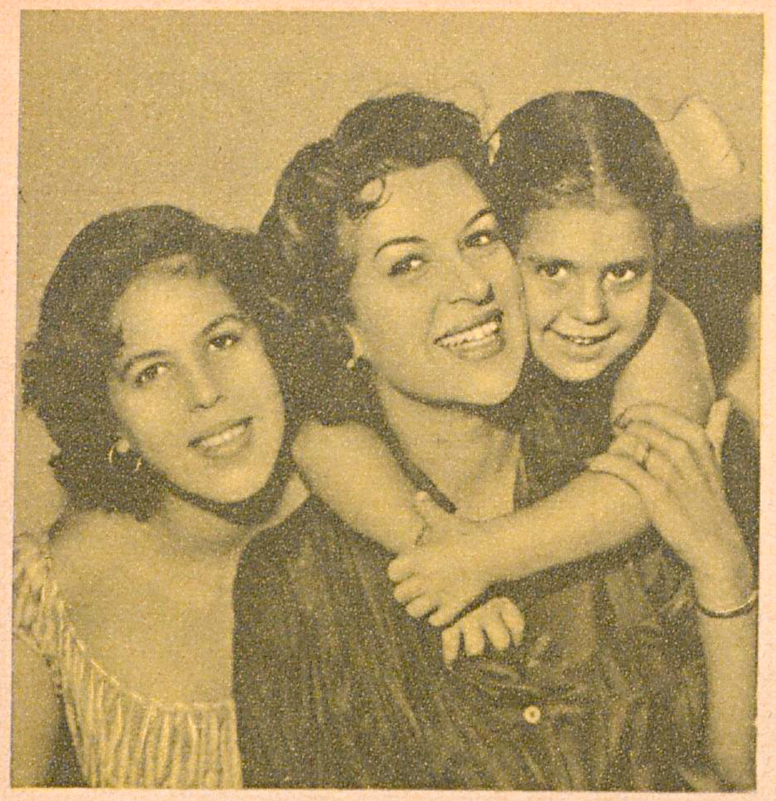
Manchete

JUSTINO MARTINS REPORTA
A CONFERÊNCIA PAN-AMERICANA:
ARCA DE NOÉ NO PANAMÁ

SENTENÇA LEVE PARA
PUNHOS QUE DÃO COICE

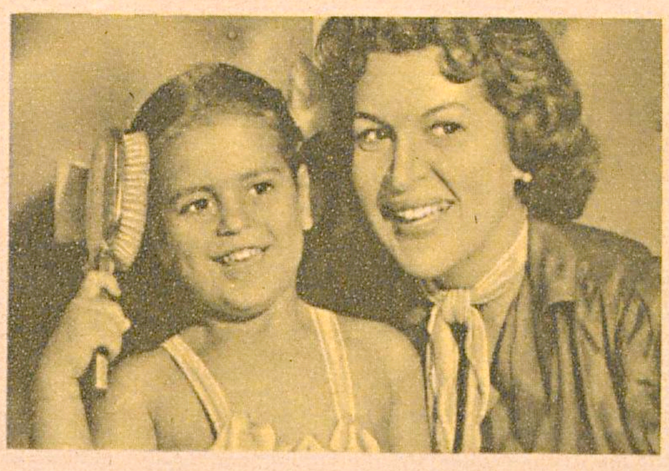
N.º 224 – REVISTA SEMANAL – RIO DE JANEIRO – 4 DE AGOSTO DE 1956 – CR$ 7,00

Um doutor em mulheres fala da beleza ideal



Mãe e artista: Sim, embora famosa artista, Heloisa Helena é, acima de tudo, mãe extremosa de duas lindas filhas. Tudo para elas é escolhido com cuidado e carinho. Foi assim, que, após experimentar e comparar outros sabonetes, concluiu que Eucalol é o melhor para ela e suas filhas. Eucalol embeleza a "mamãe", porque limpa e retira tôdas as impurezas da pele. E também protege a pele delicada das crianças com as suas balsâmicas essências de eucalipto. Use também o superior Sabonete Eucalol!

Um pede o outro! O Sabonete Eucalol exige o Talco Eucalol. Ambos se completam! Ambos dão ao corpo um longo permanente frescôr! Levemente perfumado, o Talco Eucalol protege ainda a tenra cútis das crianças das assaduras, brotoejas e irritações.



Heloisa Helena tem tido êxitos marcantes no Teatro Brasileiro, no Cinema e na Televisão. No palco, são inesquecíveis suas interpretações de "Carlota Joaquina", "Filomena Marturano" e, na TV, atrai milhares de tele-espectadores aos seus programas de teatro.

você também dirá como Heloisa Helena:

o melhor para mim e para minhas filhas é o balsâmico Sabonete

Eucalol

Experimente o Talco Eucalol! Balsâmico! Suavizante! Agora, na sua linda e moderna embalagem!

Sabonete • Talco
Creme Dental

Eucalol

a trinca de saúde... bem estar e higiene da família brasileira

PRODUTOS DA PERFUMARIA **MYRTA S. A.** — RIO DE JANEIRO

Record 3077

Fermento do diabo

TODOS nesta vida temos uma quantia-teto provisória como limite momentâneo das nossas aspirações monetárias. O teto sobe mal atingimos essa quantia, pois transformar o teto prefixado em teto de elevador é próprio da nossa defeituosa constituição humana. Ao contrário da fome, que vai diminuindo à medida que comemos, a ganância da maioria dos homens cresce com o aumento progressivo dos seus ganhos. Fermento do diabo. Assentalhes bem o gasto, o derretido exemplo da bola de neve que se agiganta e se transforma em avalancha buscando sua enormidade na própria neve colhida durante a trajetória. Dinheiro chama dinheiro, cobiça chama cobiça: o que hoje seduz como o cume de tôdas as ambições — como a estação terminal — quando atingido se transforma no trampolim de uma etapa suplementar para o salto supérfluo e inadiável. Esta é a história verídica de um indivíduo-exceção: de um poeta do dinheiro que fixou realmente um teto para as suas aspirações monetárias. Eu a dedico aos mártires do enriquecimento destelhado, aos estratosféricos da opulência, aos escravos das multiplicações infinitas, aos Sisifos do entesouramento.

Ao assumir o pôsto de seu pai na chefia das indústrias — (foi de colapso cardíaco, enfarte do miocárdio ainda não era moda) — o calouro observou com certo nojo secreto e visível rubor, algumas clamorosas injustiças paternas. Os novos trazem sôbre os velhos a vantagem de querer melhorar o mundo, e esperam consegui-lo aumentando alguns ordenados, implicando com a qualidade do papel higiênico, refrigerando sua sala de trabalho e decorando-a com uma secretária loura e glamorosa de filme balneário americano. Às vêzes vão mais longe e renovam o obsoleto equipamento das fábricas; tiram o paletó; suam; ajudam o Brasil a sair do atoleiro; viram os Mauás inconscientes do desatolamento.

O nosso brôto de Matarazzo sofreu, acima de tôdas, a injustiça feita com o gerente da fábrica principal. Quinze anos de pé-de-boismo fanático, de escravização total à emprêsa, de silenciosa anulação da personalidade — e um salário indigno, vexatório. Chamou-o ao seu gabinete; mandou a secretária encontrar lá fora um papel inencontrável: falou-lhe com a voz cheia de ternura:

— Verifiquei pessoalmente quanto a prosperidade desta emprêsa lhe é devedora. Ou melhor, mandei verificar quanto meu pai lhe ficou devendo e lhe teria pago, certamente, se a morte não o fulminasse de surprêsa.

O gerente arregalou os olhos sem côr: olhos desbotados na brancura dos livros de contabilidade, no cinzento dos cheques, no incolor dos vales.

— Não, não diga nada! Eu sei quanto o senhor vale e o senhor vai ganhar o que reclama o seu extraordinário valor.

O gerente fêz uma cara como se quisesse dizer: "mas eu não reclamei nada, eu gosto mais de trabalhar do que ganhar, eu estou satisfeitíssimo, o senhor está maluco!" Mas sua humildade não conseguiu a cooperação da sua voz viciada em não se fazer ouvir: voz congênita de servidor, de dependente, de autômato, de porta-voz, de boneco de uma complexa e rendosa ventriloquia:

— Não, não diga nada! O senhor tem aqui um cheque de trezentos contos para comprar a sua casa (ainda era contos!) e vai ter uma retirada mensal de quarenta, além de uma participação razoável nos lucros. Vai vestir-se no meu alfaiate e vai ganhar um automóvel. Era o que meu pai teria feito, e não fêz, porque não teve tempo. Obrigado, "seu" Romualdo. Espere! O senhor vai sem levar o cheque? Pobre soberbo? Que é isso!

"Seu" Romualdo voltou tropeçando no tapête muito peludo, por demais alcova de rapaz rico e solteiro para um gabinete de trabalho. Agarrou o cheque com um olhar desvairado e a mão fulmínea de um gato. E saiu dizendo monocórdios "obrigados", enquanto ria e chorava como riria e choraria ao mesmo tempo um usurário que acabasse de reaver um cheque ao portador de trezentos contos roubado do seu bôlso minutos antes.

No dia seguinte "seu" Romualdo não apareceu no trabalho. Não apareceu mais. Pensaram em latrocínio, em roubo com assassinato e sumiço do corpo. O chefe exemplar, o justiçador, sofria com o mistério da desaparição como se Deus houvesse desamparado cruelmente um santo. Como podia um ato de reparação social transformar-se na causa de um crime? Mexeu as polícias de todo o país. Queria punir o assassino e render as virtudes do colaborador perfeito as homenagens póstumas do seu reconhecimento.

Encontraram "seu" Romualdo em Buenos Aires dançando um tango floreadíssimo com uma cantora de cabaré já meio "fanée e descangallada" como a mulher do tango clássico. Disse que não voltaria, que o patrão que se danasse, que nunca fôra mais feliz — e convidou o investigador para um "copetin" no mais horroroso castelhano já ouvido nas Américas:

— E cuema um puequito destes salgaditos que son infernales. Vamos: la mujer se arruma: no me haga esta cara de dia de los muertos...

E estremeceu o traseiro num passo de tango que fêz o seu professor semi-empilecado vibrar de orgulho.

O teto monetário de "seu" Romualdo? Trezentos contos de uma vez só na mão. Nem um vintém menos nem um vintém mais. E Buenos Aires; e um cabaré "a media luz"; e as mulheres fatais amadas secreta e desesperadamente através das letras dos infaustos tangos de Carlos Gardel.

HENRIQUE PONGETTI

I 0321848-1

MANCHETE: Rua Frei Caneca, 511. Tels.: 32-4355 e 32-0300 — Rio de Janeiro. **Diretor:** Otto Lara Resende. **Diretor-Gerente:** Nelson Alves. **Redator-principal:** Armando Nogueira. **Chefe de reportagem:** Darwin Brandão. **Diretor de Publicidade:** Dirceu Tôrres Nascimento. Tel.: 52-0018. **Sucursal em S. Paulo:** Rua Barão de Itapetininga, 255, s. 801, 8.º, Tel.: 36-9998. **Chefe:** Daniel Linguanotto. **Publicidade:** Décio C. Silva.

BLOCH EDITÔRES S. A. — **Presidente:** Adolpho Bloch. **Diretor:** Arnaldo Bloch. **Diretor-Superintendente:** Oscar Bloch Sigelman.

SUMÁRIO

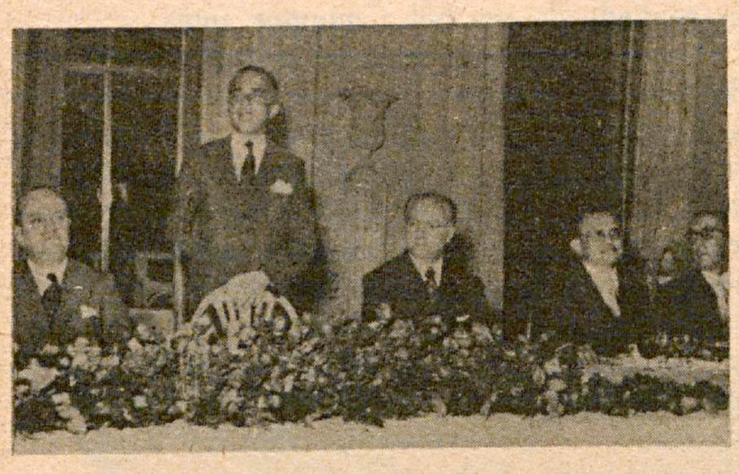
Sentença leve para punhos que dão coice 6
A agonia de um navio de luxo 10
Lebret, apóstolo da economia humana 12
A prisão revela 19 escritores 16
Dioclécio Campos, ilustre desconhecido 26
Um mau fotógrafo na URSS 28
Gente grande também aprende a falar 30
O melhor do concurso foi o passeio a Hollywood .. 40
Um doutor em mulheres fala da beleza ideal 43
José Ronaldo em Paris 48
Vieram do fim do mundo para limpar a Gamboa .. 50
Abelardo, devoto da arte popular 54
Aramburu e Zuazo escalaram no Brasil 68
A Arca de Noé no Panamá 70

CAPA: Marina Orschel, Miss Alemanha, depois de eleita, em Long Beach, Miss Fotogenia, chamou muito a atenção (cem centímetros de busto) no concurso de Miss Universo, onde ARMANDO ROZÁRIO a fotografou em Ektachrome.

O Brasil em MANCHETE

Homenagem ao Min. Cunha Melo

O ministro Cunha Melo, presidente do Tribunal Federal de Recursos, foi homenageado, ao completar cinqüenta anos de idade, com um banquete de duzentos talheres, realizado no Copacabana Palace Hotel, ao qual compareceram ministros de Estado, representantes da Justiça, advogados e um representante do Presidente da República. O orador foi o sr. Sobral Pinto, que saudou o Ministro Cunha Melo (na foto, agradecendo, de improviso).

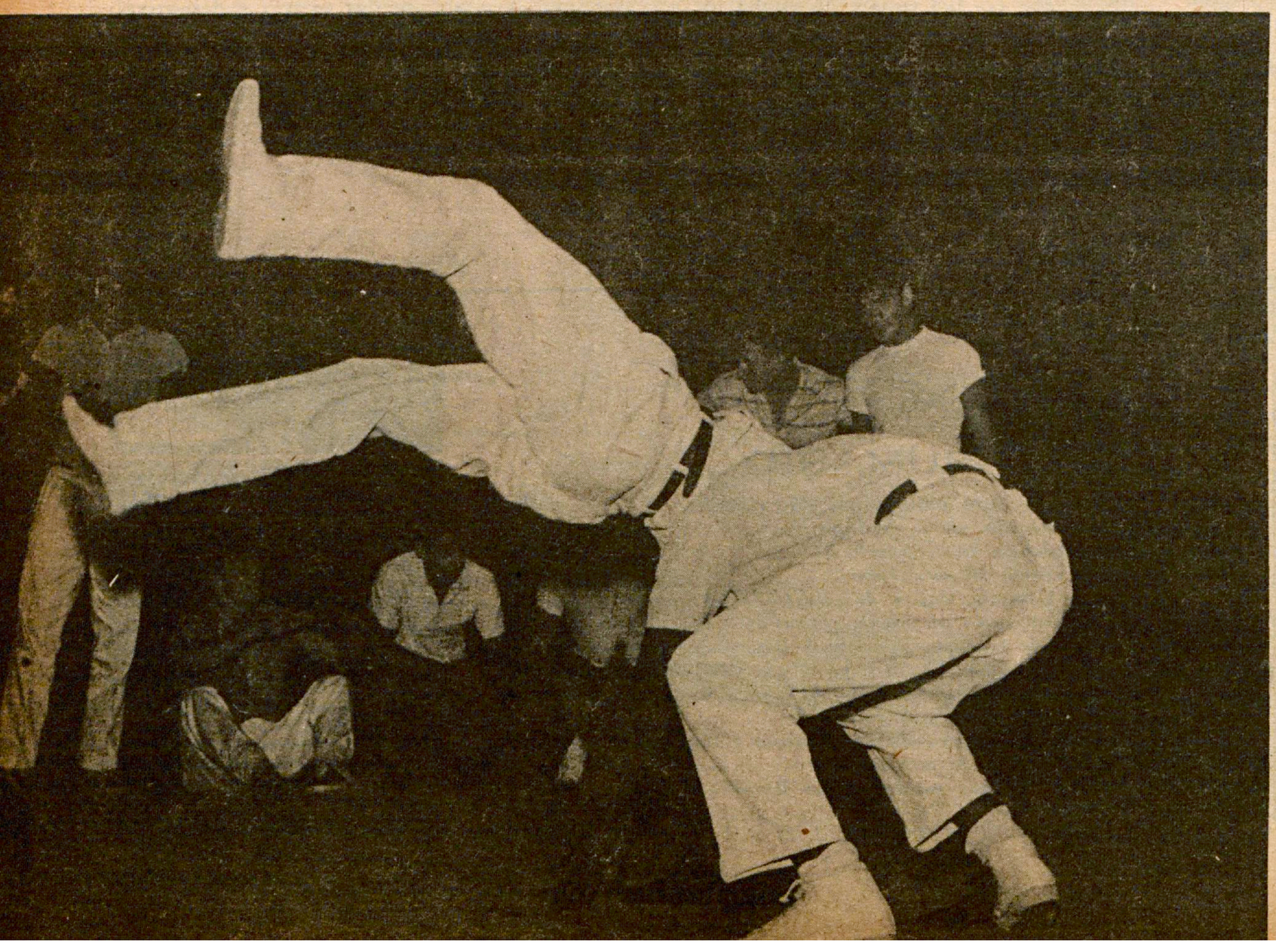


Índios adventistas

Cêrca de três mil pessoas se reuniram em Quitandinha para o Congresso Sul-Americano da Juventude Adventista. Vieram de vários países do hemisfério para um encontro de caráter religioso. Mas o que despertou vivo interêsse, entre congressistas ou não, foi a presença de índios peruanos e bolivianos, com seus trajes típicos, de colorido berrante. As mamães índias traziam sempre às costas seus respectivos bebês, invariàvelmente adormecidos.

Capoeira da Bahia no Maracanãzinho

Os capoeiristas de Mestre Bimba, professor baiano, exibiram sua técnica e sua arte num espetáculo, muito concorrido, no Maracanãzinho. O público vibrou com a capoeira e gostou da música que a acompanha, cantando o estribilho com os capoeiristas. O "Festival de Ritmos e Capoeira" que tanto sucesso alcançou, apresentou-se sob o patrocínio do Prefeito Negrão de Lima e veio ao Rio por iniciativa do Departamento de Turismo de Salvador.

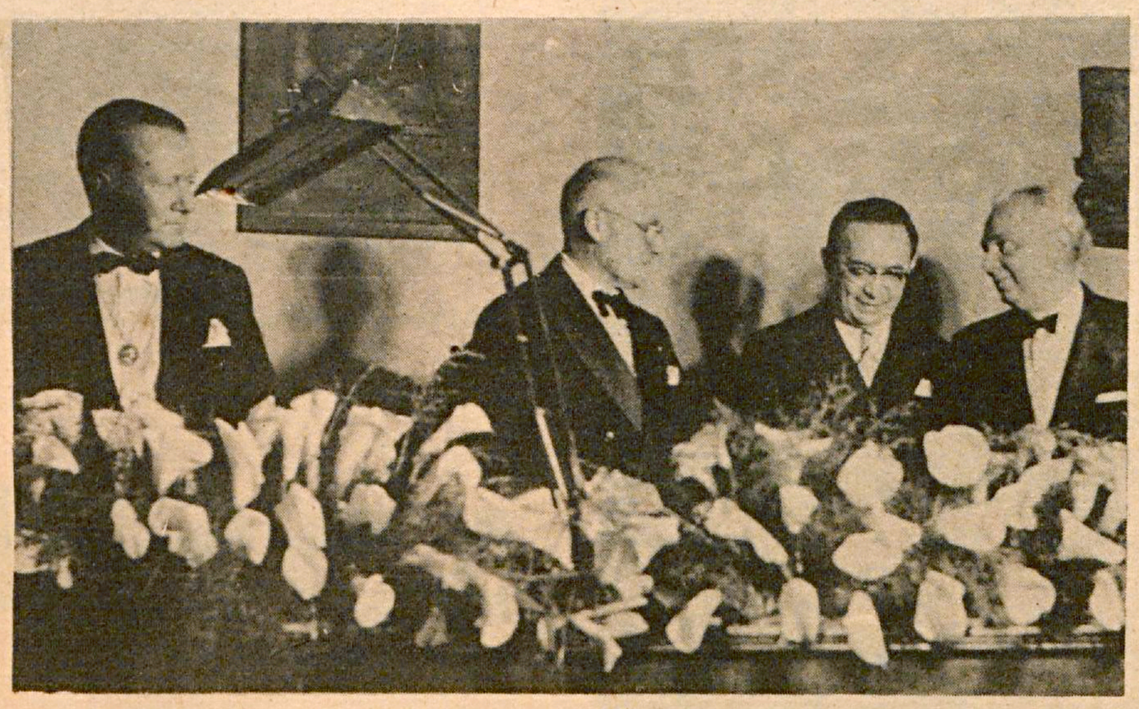


De Ulm no Rio

O Museu de Arte Moderna do Rio inaugurou, na semana passada, uma exposição sôbre a Escola Superior de Desenho de Ulm, Alemanha, iniciativa que tem despertado interêsse em todo o mundo. Na foto, Jayme Maurício, sra. Maldonado, Embaixador Maurício Nabuco, Tomás Maldonado (professor de Ulm e organizador da exposição) e Mário Pedrosa.

Museu de Cêra

Cooperando com a Cruzada São Sebastião, pela urbanização das favelas, inaugurou-se, no Passeio Público, Rio, um Museu de Cêra representando, com perfeição, muitas figuras, personagens e situações históricas. Na foto, aparece a figura do Papa (de cêra) quando era visitada por Dom Hélder Câmara (de carne e ôsso). Uma das figuras também muito apreciada pelos visitantes tem sido Lady Godiva, de grande beleza artesanal.



R. Brito na ANM

Recebido pelo professor Alfredo Monteiro, tomou posse na Academia Nacional de Medicina, como seu membro titular, o doutor Raymundo de Brito, ex-diretor do Hospital do Ipase. Ao ato compareceu o ex-presidente Café Filho.

Bôca Pequena

● *O Chanceler J.C. Macedo Soares está empenhado em aproximar a imprensa dos assuntos internacionais que têm relação com o Itamarati. Nesse sentido, fez recomendações ao seu gabinete, inclusive para que promova reuniões freqüentes com os jornalistas especializados em política internacional.*

● *Numa reunião social em Santiago do Chile, conhecido jornalista brasileiro encontrou um técnico norte-americano que, como membro da missão Klein & Sachs, estêve no Brasil. Conversando sôbre a situação financeira do Chile, o técnico norte-americano mencionou a resistência que têm os chilenos para pagar impostos. "Pior do que aqui - acrescentou - só Minas Gerais, que é a terra do mundo onde menos se paga impôsto!"*

● *No acervo do dramartugo Cristóvão Camargo, pôsto a leilão, encontrava-se um quadro a óleo do diplomata-pintor Maurice Wellish. Foi arrematado por 180 cruzeiros. A tela tem 1 metro por 1,20.*

● *O sr. Antônio Gonçalves, da Comissão de Reforma da Constituição que se reúne por iniciativa do Ministro Nereu Ramos, respondeu, há dias, a um amigo que lhe perguntou como vai a reforma, da seguinte maneira: "Esta ótima e prontinha. Se não passar no Congresso, passa na primeira revolução".*

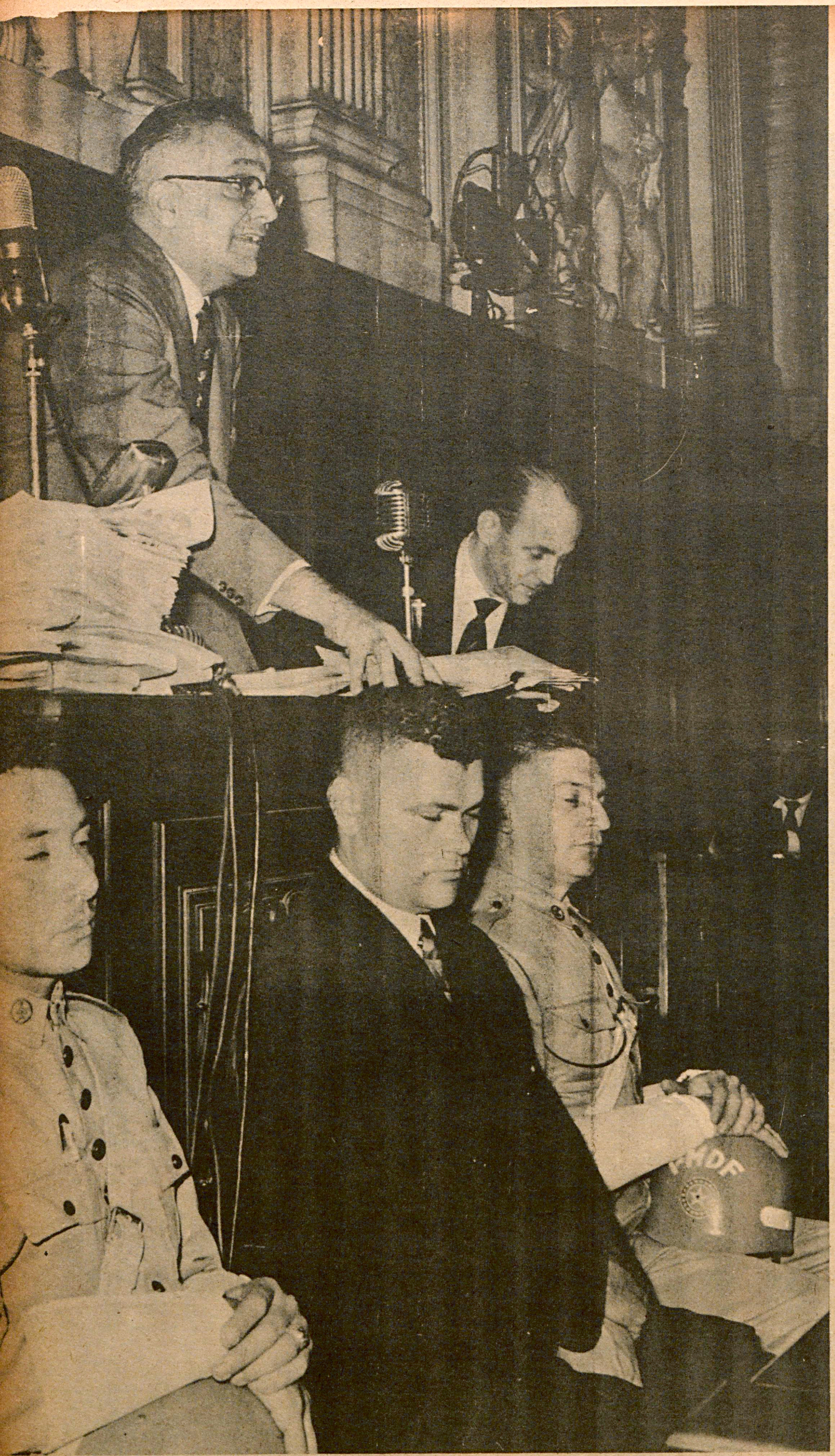
● *O sr. João Goulart, em sua viagem à Europa, ficou muito impressionado com a recuperação industrial da Alemanha. Em Paris, Jango não visitou nem um dos pontos tradicionais do roteiro do turista; não subiu à Tôrre Eiffel nem visitou o Louvre. E no almôço que lhe ofereceu o Embaixador Alves de Sousa, como se falasse em reforma dos escritórios comerciais, comentou o Vice: "Não são só os escritórios que precisam de reforma; é o Itamarati todo".*

● *O restaurante que se abriu em Copacabana, esquina da Av. Atlântica com Xavier da Silveira, é de propriedade da sra. Rute Amaral.*

● *O ajudante-de-ordens do Presidente Jimenez disse ao ajudante-de-ordens do Presidente JK, no Panamá, que "Jimenez é um grande presidente e por isso o Exército, na Venezuela, vai reelegê-lo".*

● *A bailarina Alice Alonso está sendo contratada para uma temporada no Rio.*

● *O Presidente JK chegou a pensar em comparecer à festa que o sr. Celso da Rocha Miranda ofereceu ao Presidente Zuazo. Mas, consultando o protocolo do Itamarati, soube que lá não poderia ir, pois não se tratava de recepção oficial.*



O SR. JOSE RIBAMAR, DEFENSOR DE PEIXOTO, FALAVA PONDO PATERNALMENTE A MÃO NA CABEÇA DO CARRANCUDO CLIENTE.

ESTA FOTOGRAFIA FOI FEITA

SEN
PAR
QUE

ADIANTANDO - SE ALGUNS

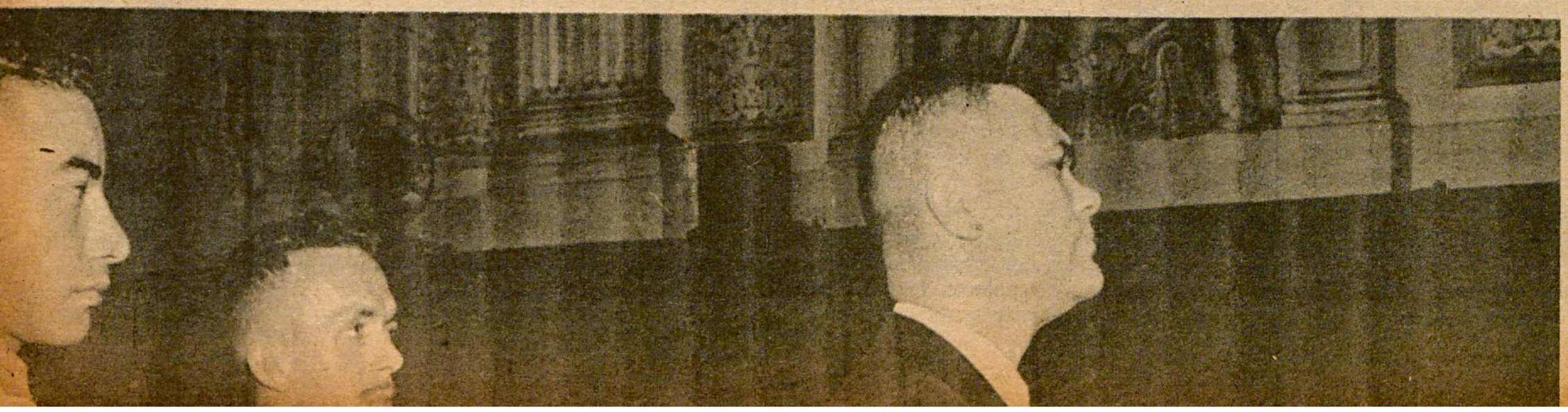
NOS PRIMEIROS MINUTOS DO SÁBADO 29. PEIXOTO DEIXA O TRIBUNAL ATRAVESSANDO DUAS ALAS DE PM. A SENTENÇA FÔRA PROFERIDA: NOVE ANOS DE DETENÇÃO E DE RECLUSÃO.

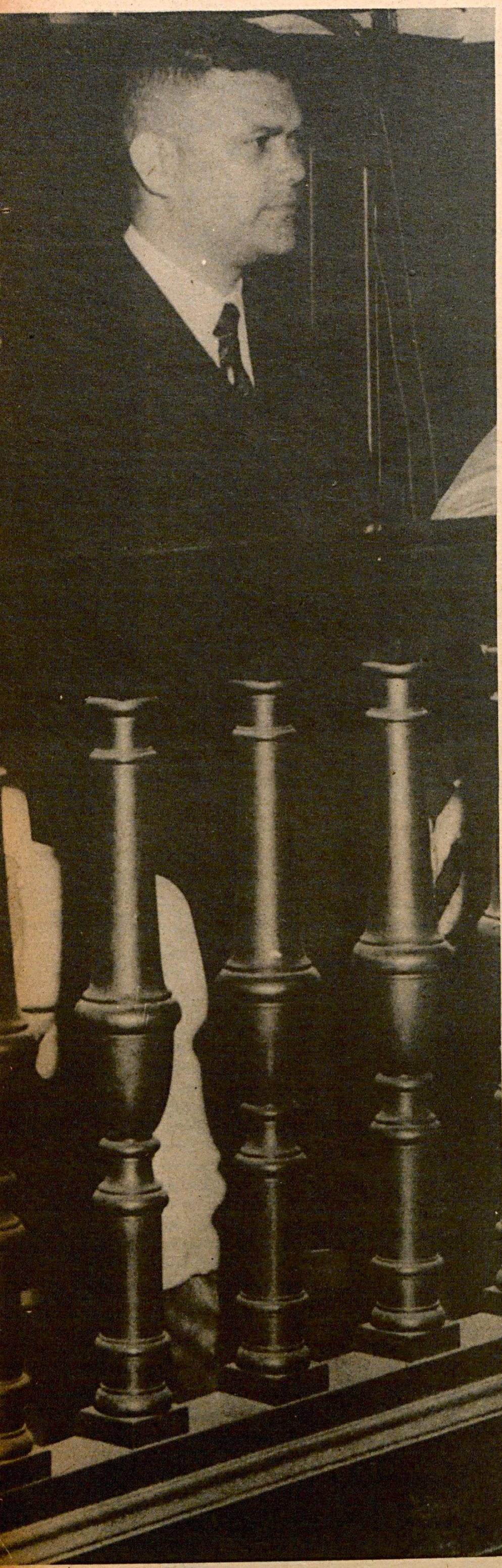
TENÇA LEVE A OS PUNHOS DÃO COICE

REPORTAGEM DE CARLOS OLIVEIRA FOTOGRAFIAS DE FARIA DE AZEVEDO

Coice-de-Mula foi julgado na sexta-feira, 27 de julho. O julgamento começou às nove da manhã. Às duas, o promotor Araújo Jorge iniciou a acusação. Coice-de-Mula vestia um terno de casemira azul-marinho, sapatos de verniz e gravata prateada; em certo momento, tirou um lenço do bôlso da calça e começou a torcê-lo entre as grandes mãos. Não desarmou a carranca um só instante. Um de seus defensores, o sr. Mário Figueiredo, nervosíssimo, pediu, três vêzes, que se interrompesse a sessão durante seu discurso. Evandro Lins compareceu com o indicador envolvido em esparadrapo, porque se cortara pela manhã, cortando queijo — o que dá bem uma idéia do estado emocional em que se encontrava. A sentença de condenação (10 anos de prisão) foi lida exatamente nos cinco últimos minutos da sexta-feira, 16 horas depois do início dos trabalhos. Os jurados concluíram a favor da tese da defesa que isentava Peixoto de responsabilidade na morte de Nestor Moreira, condenando-o por "lesões corporais" seguidas de morte, e não por homicídio. Carlos Lacerda, Wainer, Jafet foram citados para corroborar a tese sustentada pela defesa de que, na verdade, foram motivos políticos que transformaram Coice-de-Mula no monstro pintado pela imprensa.

ASSOS DOS GUARDAS QUE O ESCOLTAVAM E ERGUENDO A CABEÇA, COICE-DE-MULA OUVE O VEREDICTO. SUA SATISFAÇÃO (A PENA FOI LEVE) SE EXPRESSOU A SEGUIR.





NO BANCO DOS RÉUS (DEZESSEIS HORAS), SEM UM GESTO SEQUER.

SENTENÇA LEVE

Quando o juiz Sousa Neto leu a sentença de condenação, Paulo Ribeiro Peixoto, o "Coice-de-Mula", de pé, entre os dois guardas que o escoltavam, repetiu de maneira espasmódica o gesto que fôra o seu único sinal de presença durante todo o julgamento : balançou a cabeça para a frente e para trás, mas isto com uma violência e uma elasticidade semelhante às de um galo, como se não tivesse ossos no pescoço. Êle bem sabia que fôra pràticamente absolvido. O advogado José Ribamar, seu defensor, não o desconhecia igualmente, pois se dirigiu depressa aos jornalistas para cumprimentá-los e ser por êstes cumprimentado. Os jurados, sete homens de expressão severa, concluíram que o fato de "Coice-de-Mula" ter espancado um jornalista indefeso e embriagado, no interior de uma delegacia, tendo-o espancado com a perícia de um **boxeur** e a fria determinação de um assassino — que êste fato não significava crueldade da parte de "Coice-de-Mula", mas "emoção intensa"; e que Nestor Moreira não morreu em virtude daquela sevícia, ou, pelo menos, não deveria ter morrido por isso... Condenado a dez anos, Paulo Ribeiro Peixoto deverá estar na rua dentro de três ou quatro anos. O tempo da detenção será passado como convém a um amigo dos carcereiros: distintamente tratado, quem sabe saindo de vez em quando, podendo até mesmo contrabandear maconha, se assim desejar, como acontece em nossas penitenciárias. Que fêz êle? Apenas inflingiu lesões corporais em outrem, o qual teve a deslealdade de morrer.

A acusação faz o retrato do criminoso

A acusação contou com três nomes de primeira grandeza. O promotor Araújo Jorge procurou destruir **a priori** os argumentos da defesa, não só desfazendo as hipóteses de que Nestor Moreira pudesse ter sido agredido antes de chegar à delegacia, naquela madrugada fatídica, como reproduzindo os elementos de prova do crime praticado por "Coice-de-Mula". Depois, em quinze minutos, o advogado Serrano Neves procurou interpretar o estado de espírito da imprensa e da opinião pública com referência ao crime de que se tratava, negando qualquer clemência ao réu, negando-se, inclusive, a apreciá-lo como um criminoso comum, mas como um símbolo da violência cega, da fôrça pela fôrça. A seguir, o "enfant gaté" do Tribunal do Júri, Evandro Lins, durante outros quinze minutos, procurou desenvolver a sua tese, a mais importante da acusação. O julgamento começara às nove da manhã; às nove da noite, Evandro Lins voltava à tribuna para a réplica. Pedia êle a mais severa punição para "Coice-de-Mula", como sinal de protesto da opinião pública contra a violência policial.

A defesa, representada pelos advogados Mário Figueiredo e José Ribamar, procurou, primeiro, levantar no espírito dos jurados a dúvida sôbre a verdadeira causa da morte de Nestor Moreira. A seguir, tentou caracterizar como resultado da exasperação moral (Moreira tendo chamado Peixoto de ladrão) o espancamento de que o repórter foi vítima. Os jurados permaneciam impassíveis durante os discursos. Seu veredicto foi a favor do réu, e, através dêle, a favor de tôda a polícia; e foi contra a campanha da imprensa que apresentou "Coice-de-Mula" como uma simples bestialidade em ação, embora, na verdade, êle não seja mais do que isso. O desagrado causado pela sentença se exprimiu num murmúrio abafado da excepcional assistência que superlotava o Tribunal do Júri.

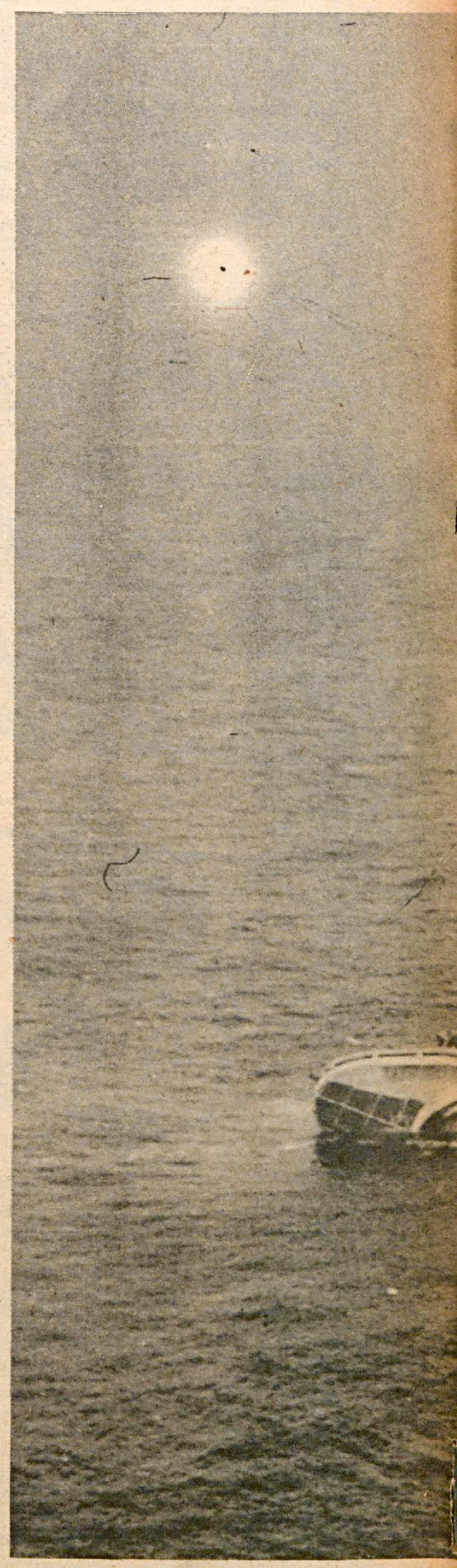
A morte misteriosa de Renée Aboab

Naquela noite, 11 de maio de 1954, um homem grisalho bebeu dois uísques e uma taça de champanha. Isto aconteceu no **Drink Bar,** onde se festejava o aniversário da vedeta Angelina Martinez. O homem grisalho chamava-se Nestor Moreira e estava entre os mais velhos repórteres policiais da cidade. Pouco depois (já na madrugada do dia 12), uma desavença referente ao pagamento da corrida do táxi, no qual viera da Lapa a Copacabana, levava-o ao 2.º Distrito policial. Nestor Moreira tencionava ver-se livre do aborrecimento, e aproveitar para saber as últimas sôbre um crime de morte até então insolúvel. Êsse crime, o assassinato da francesa Reneé Aboad, em seu apartamento da Rua Rainha Elisabeth, vinha causando à polícia as mais sérias preocupações. A francesa tinha sido estrangulada com sua própria meia, no quarto de dormir, enquanto uma vitrola, no aposento contíguo, tocava as "Fôlhas Mortas". Isto acontecera um mês antes, e o 2º. Distrito, após desesperadas tentativas de incriminar alguém, começava a preparar o arquivamento do caso na gaveta dos crimes insolúveis. Foi só então que a voz da imprensa se fêz ouvir, fazendo as mais justas críticas ao aparelho policial. Um dos que bradavam eram Nestor Moreira — o homem grisalho que naquela noite seria vitimado pelos pontapés e os murros de "Coice-de-Mula". Mas a precisão do espancamento era muito superior à competência policial para resolver os mais transparentes enigmas : Nestor Moreira jaz numa campa florida, a pouca distância daquela que foi assassinada e esquecida, e cujo matador goza da mais completa liberdade, exatamente como a gozará muito cedo o corpulento, bestial e tristemente célebre Paulo Ribeiro Peixoto.

ALGUÉM REZAVA

UM TÊRÇO POR ALMA DE NESTOR MOREIRA: SUA VELHA MÃE. NO TRIBUNAL DO JÚRI, SETE HOMENS CONSIDERAVAM "SEM CRUELDADE" O CRIME DO HOMEM QUE MATOU SEU FILHO.

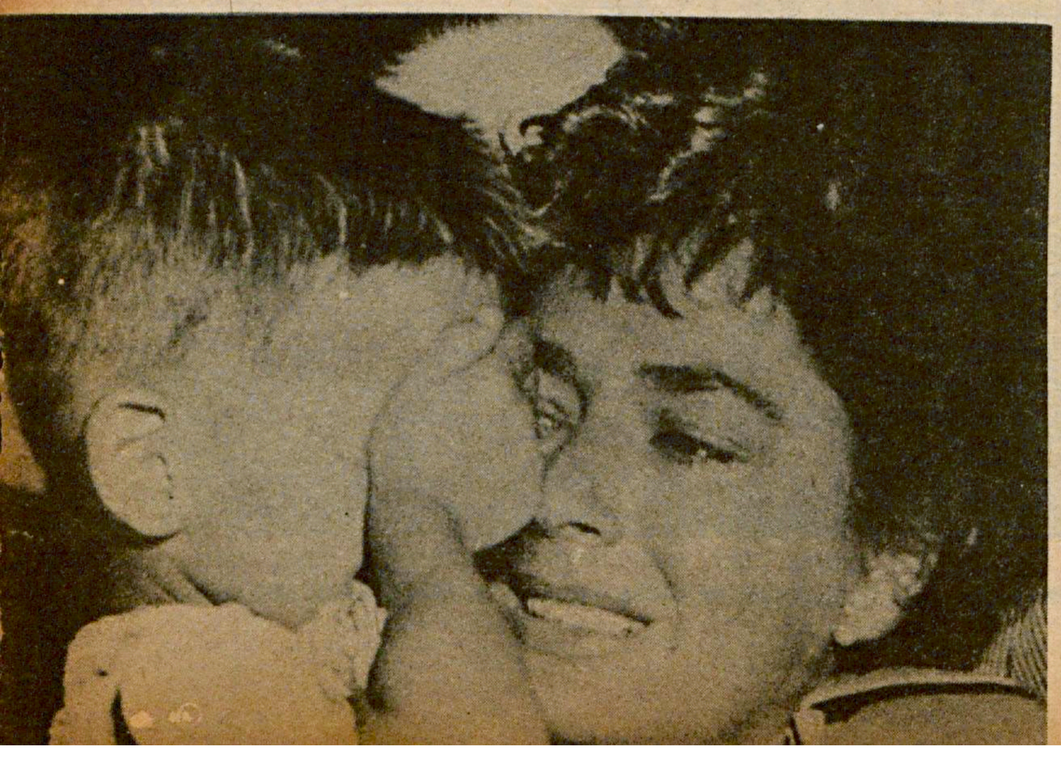
ASSIM MESMO AVARIADO PELO CHOQUE, O NAVIO-SUECO CHEGOU A NOVA IORQUE COM MAIS DE 700 SOBREVIVENTES.



DUROU CERCA DE 10 HORAS A AGONIA

A TERRIVEL AGONIA

RUTH ROMAN ESTAVA A BORDO: TEVE UMA CRISE AO REVER O FILHO.

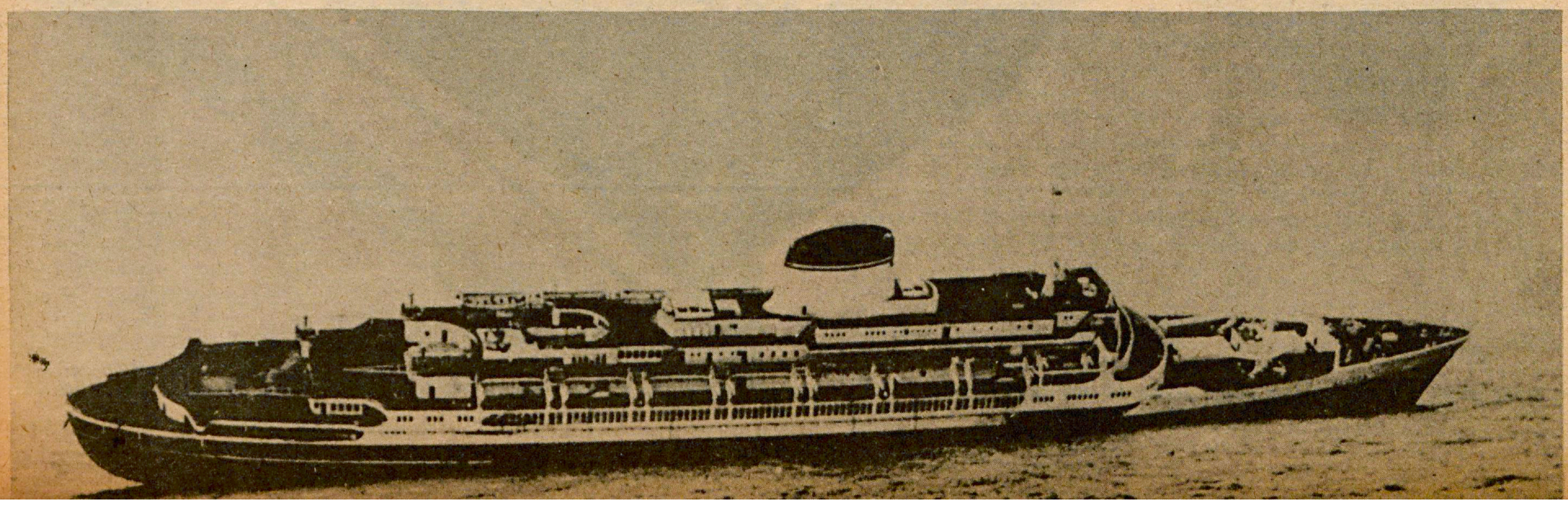


Dez horas da noite do dia 26 de julho: o nevoeiro provocou um choque terrível entre o transatlântico "Andrea Doria", de alto luxo, e o navio sueco "Stockolm", a 45 milhas da Ilha Nantucktey, na costa norte-americana. O navio, que transportava cêrca de 1.500 passageiros, viveu a agonia do naufrágio durante 10 horas. Os passageiros (muitos morreram) foram socorridos por botes lançados ao mar pelo transatlântico francês "Ile de France". O heroísmo da tripulação do "Ile de France" foi reconhecido pela população de Nova Iorque que, chorando, foi ao pôrto saudar o navio e receber 750 sobreviventes recolhidos numa operação de extraordinária coragem e dedicação. O comandante do "Andrea Doria", Pietro Calamai, o último a deixar o transatlântico perdido, declarou que o nevoeiro neutralizara o radar e que o choque foi violentíssimo. O navio, que tinha apenas quatro anos de existência, era o mais luxuoso da Itália e fazia a linha Gênova-Nova Iorque há quatro anos. Preço do "Andrea Doria": 29 milhões de dólares. As companhias deverão pagar 16 milhões de dólares e a companhia proprietária do navio terá que indenizar cada passageiro com 200 dólares, fora a parte referente à bagagem segurada.

DO "ANDREA DORIA". O NAVIO ERA TIDO COMO INSUBMERSÍVEL, MAS A COLISÃO FOI TÃO VIOLENTA QUE, EM MINUTOS, OS PORÕES ESTAVAM IRREMEDIÀVELMENTE TOMADOS.

DO "ANDREA DORIA"

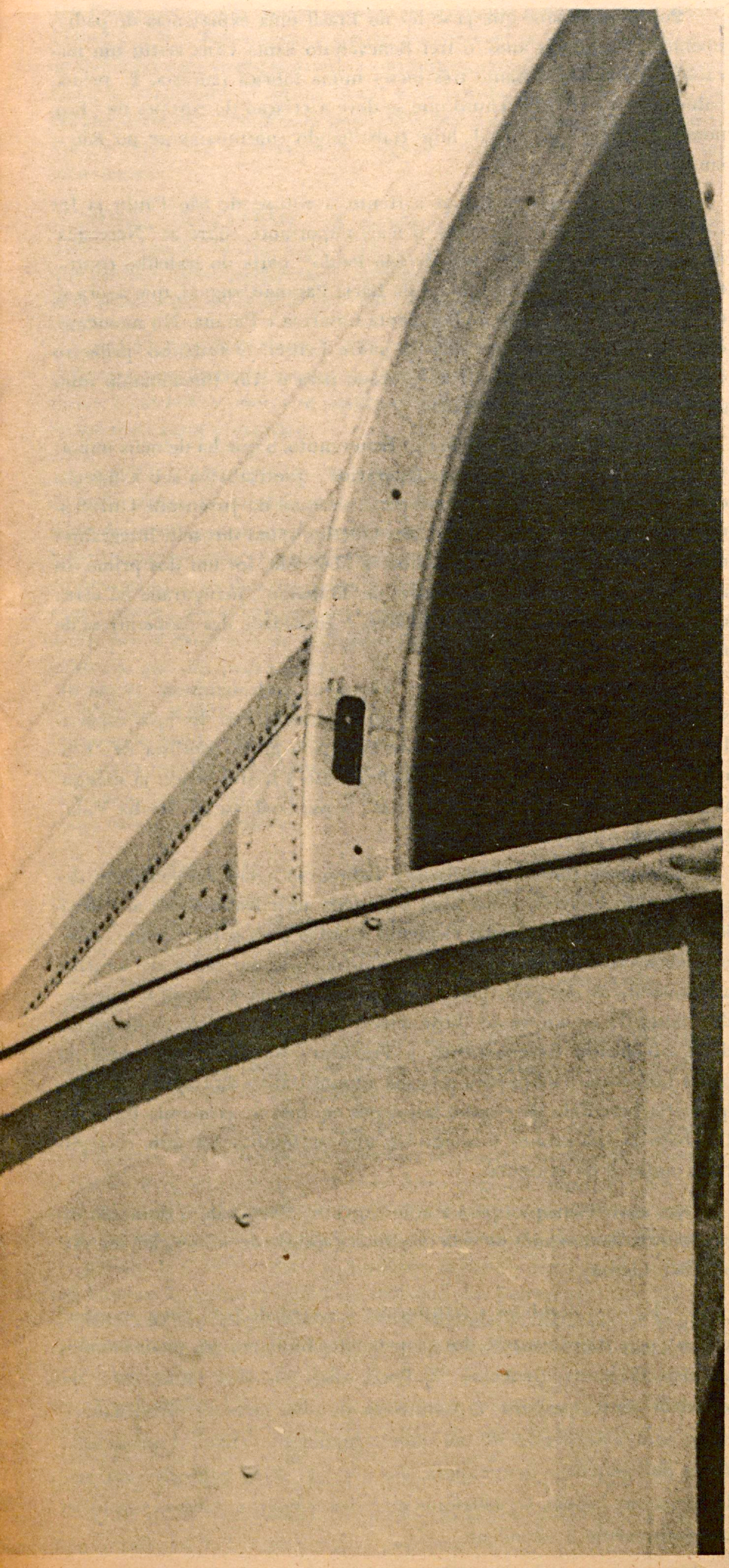
AO AMANHECER O "ANDREA DORIA" JÁ ESTAVA ADERNADO, A CAMINHO DO FIM. FOI UMA DAS MAIORES TRAGÉDIAS DOS ÚLTIMOS TEMPOS ESTA VIOLENTA COLISÃO.



NA FILA DE EMBARQUE: O DOMINICANO FRANCÊS PASSOU POUCOS DIAS NO RIO DE IANEIRO.

O PADRE LEBRET ENTRA NO AVIÃO QUE O LEVOU AO RIO GRANDE DO SUL ESTADO QUE VAI SER OBJETO DE SEUS IMPORTANTES ESTUDOS NO CAMPO DA AÇÃO SOCIAL. ÊLE NÃO

LEBRET O APÓSTOLO DA ECONOMIA HUMANA



QUIS SE DEIXAR FOTOGRAFAR: PREFERE TRABALHAR SEM APARECER.

Pela 7a. vez volta ao Brasil o famoso sacerdote francês fundador e diretor-geral do movimento denominado "Economia e Humanismo"

O dominicano francês Louis Joseph Lebret, o mundialmente conhecido padre Lebret, fundador e ainda hoje diretor-geral do movimento "Economia e Humanismo", está novamente entre nós. É a sétima vez que êle vem ao Brasil, mas as suas viagens, apesar de importantes, têm ficado limitadas a pequenos grupos, ligados ao seu sério trabalho.

De cachimbo, bochechas largas e róseas, como de um bom bebedor de chope, o padre Lebret ainda lembra o marinheiro que foi até aos 27 anos. Simples, manso e humilde, e de um bom humor permanente, em nada faz lembrar os seus 59 anos de vida intensa e trabalhosa, cuja grande parte é agora dedicada a um levantamento das condições econômicas e possibilidades de desenvolvimento dos Estados brasileiros da bacia Paraná-Uruguai, região geo-econômica onde se concentram 65 por cento das nossas atividades industriais, agro-pecuárias e comerciais. Há dias, com o hábito branco dos dominicanos, fazendo fundo a uma bata preta, que usa (como todos os da sua Ordem) nas vilegiaturas de sacerdote e pesquisador social, o padre Lebret tomou um avião no aeroporto Santos Dumont. Ia para o Rio Grande do Sul, onde já se encontra, continuando o seu trabalho, com um levantamento do nível de vida dos gaúchos. Em seguida, descerá para Santa Catarina e Paraná.

REPORTAGEM DE NEWTON CARLOS

FOTOGRAFIAS DE FARIA DE AZEVEDO

O marujo vestiu batina e pensou nos pescadores

Como acontece com os padres-operários, também o padre Lebret sofre campanhas de católicos, pelo seu trabalho no campo da ação social. A atuação da Igreja em terrenos que se afastem da pregação pura e simples do Evangelho, é questão controvertida dentro da própria Igreja. Quando das primeiras viagens de Lebret ao Brasil, um dos nossos chamados católicos de vanguarda escreveu tremendos libelos contra êle, defendendo o ponto de vista de que "não se deve batizar as lutas de classe". Apesar das campanhas contrárias, a obra de Lebret, antigo oficial da Marinha Francesa, que sòmente aos 27 anos decidiu trocar o uniforme de marinheiro pelo hábito de dominicano, é hoje uma idéia universal, aceita e cultivada por grande número de padres e católicos militantes.

O padre Lebret nasceu a 26 de junho de 1897, tendo feito em 1924 os primeiros votos de profissão na Ordem Dominicana. Preocupado desde jovem com os problemas sociais, e marinheiro na juventude, criou, em 1930, o Secretariado Social Marítimo, para estudar meios de melhoria do nível de vida dos pescadores. Aos poucos, sentiu que a sua esfera de ação não devia ficar limitada aos pescadores, lançando, em 1938, as bases do movimento "Economia e Humanismo". O primeiro centro de estudos foi instalado em 1941, em Marselha, sendo mais tarde, em 1943, transferido para a localidade de L'Arbresle, perto de Lyon, onde continua. Hoje, as equipes de "Economia e Humanismo" já se espalham por muitos países, entre outros, Brasil, Canadá, Suíça, Bélgica, Vietnam e Uruguai, tôdas trabalhando em ligação direta com o centro de L'Arbresle, cujo diretor geral é o padre Lebret.

O que é, afinal, "Economia e Humanismo"? Não é bem um movimento, mas centros de estudo. A definição clássica: centros de estudo que se propõem a instaurar um mundo mais humano. Economia humana, segundo seus líderes e seguidores, e como parece indicar a própria denominação, é uma tentativa de humanização da economia política, "recusando todo o materialismo e denunciando tôda estrutura opressiva". Procura definir, dizem êles, as bases de uma civilização onde todos os recursos culturais e materiais estejam a serviço de todos os homens.

Numa de suas últimas conferências no Brasil, o padre Lebret deu as várias significações do têrmo "Economia Humana": 1) Economia Humana, no sentido de Economia Social — disciplina paralela à Economia Política; 2) Economia Humanizada pelo "social", corrigindo os defeitos do regime liberal-capitalista, e, depois, do capital-dirigido; 3) Economia Humana, economia (disciplina e regime) tendo por objetivo essencial a ascensão humana universal; 4) Economia Humanista, com os mesmos objetivos, apenas acentuando especialmente o universalismo e os valores espirituais. Para a Economia Humana, a política é tomada no sentido clássico de ciência e arte de instaurar e desenvolver o bem-comum. Palavras do padre Lebret:

— "A economia humana, como regime, favorecendo a ascensão humana universal, caracterizaria uma civilização ainda inédita.

Essa civilização, seria: 1) De progresso ponderado, contínuo, isto é, fazendo avançar conjuntamente todos os progressos, o científico, o residencial, o técnico, o doméstico, o cultural, o familiar, o social, o moral e o espiritual; 2) De solidariedade entre camadas sociais e entre povos; 3) De estruturas que permitam, sem interrupção, a harmonia ou a arbitragem das tensões sociais".

Precisamos dizer "não" a muita coisa no mundo

Pouca gente sabe que já se fêz no Brasil uma experiência de padre-operário. Há alguns anos, o frei Benevenuto Santa Cruz vestiu um macacão e trabalhou durante três meses numa fábrica paulista. E' principalmente ao frei Benevenuto que se deve a criação de equipes de "Economia Humana" no Brasil, hoje trabalhando contìnuamente no Rio e em São Paulo.

Com êle e o padre Lebret à frente, a equipe de São Paulo já fêz vários levantamentos, um dêles, o mais importante, sôbre as "Necessidades e Possibilidades do Estado de São Paulo", parte do trabalho contratado pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai, que agora se completa no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No momento, êle está no Sul, em companhia do padre Lebret. O trabalho, primeiro centralizado em São Paulo, foi deslocado para o Rio, funcionando num grupo de salas na Rua México.

No Rio, fora o trabalho de frei Benevenuto, o que há de mais importante é a equipe de "Problemas Operários", que trabalha sob a direção de frei Romeu, dominicano, e assistente nacional da Juventude Universitária Católica. Essa equipe edita um boletim, e um dos seus integrantes mais ativos, o líder aeroviário Gilberto Machado, foi um dos primeiros a criar, entre nós, uma "Cooperativa de Trabalho", inaugurada há cêrca de três anos pelo próprio padre Lebret. A finalidade das cooperativas de trabalho é abolir o patrão.

Hoje, tôdas as publicações de "Economia e Humanismo" já são divulgadas no Brasil, pela Livraria "Duas Cidades". Essa livraria, especializada, foi fundada em dezembro de 1954 pelo grupo paulista de "Economia e Humanismo", com o frei Benevenuto à frente, tendo já inaugurado a sua fase editorial com as obras "Nossa Senhora na Minha Vida" e "Ouvindo a Igreja do Silêncio".

As viagens constantes do padre Lebret, só agora reveladas em detalhes, como só agora a sua obra é contada jornalìsticamente aos brasileiros, têm funcionado como elemento decisivo para o incremento, entre os jovens católicos brasileiros, e administradores, em busca de soluções administrativas, dos princípios da economia humana. O Brasil é hoje um dos países do mundo onde "Economia e Humanismo" está tendo maior desenvolvimento. Recentemente, a Prefeitura de São Paulo pediu ao padre Lebret um esbôço para reforma administrativa da Capital paulista, que seria precedida de estudos feitos por equipes de economia humana. O esbôço já está pronto, e os estudos, que consumirão um ano, custarão cinco milhões de cruzeiros.

Nos seus "Princípios para a ação", que diz terem sido o resultado da experiência de oito anos de vida marítima e quinze de ação social, escreve o padre Lebret:

— "Estamos decididos a transformar a sociedade pela nossa transformação e pela transformação dos grupamentos humanos nos quais estamos metidos. Portanto, queremos: 1) Poder dizer "não" a muita coisa da sociedade contemporânea; 2) Contribuir de uma maneira coordenada e eficaz para a construção de um mundo humano e cristão. A persecução dêsses dois objetivos determinará, em nós, um certo estilo de vida verdadeiramente cristão, verdadeiramente revolucionário. A nossa revolução será permanente e ascendente".

São êsses, segundo êle, "Os princípios da revolução permanente".

Retrato de São Paulo na obra do padre Lebret

Os estudos sôbre as "Necessidades e Possibilidades do Estado de São Paulo", feito pela equipe paulista de economia humana, com o padre Lebret e o frei Benevenuto à frente, abrangeram os níveis de vida e as necessidades da população rural, a conjuntura econômica paulista em relação à conjuntura geral do Brasil e às possibilidades e os pontos de estrangulamento, terminando pelos objetivos e conclusões, naturalmente. Vamos reproduzir, parcialmente, alguns resultados da zona rural, no setor básico:

NÍVEL SANITÁRIO — A situação é alarmante em tôdas as unidades analisadas. O aspecto mais grave é a deposição de dejetos humanos que alcança, como média geral, apenas 0,48. Sem mêdo de errar, poder-se-ia afirmar que mais de 70 por cento da população rural defeca no solo.

NÍVEL ECONÔMICO E TÉCNICO — Em muitas regiões a agricultura é simplesmente primitiva, em algumas, pratica-se a rotação de terras, e em muito poucas se pratica a rotação de culturas. A exploração racional da terra é exceção.

NÍVEL DOMÉSTICO — Equipamento doméstico precário: ausência de meio rápido de cozinhar, mobiliário rudimentar, insuficiência de utensílios de cozinha, ausência de horta e de pomar, falta de possibilidade de lavar roupas em casa. O primitivismo e o baixo nível registrado quanto ao equipamento é melhor no que diz respeito ao uso do ferro de passar roupa, mesmo assim bastante precário. O ponto mais animador é relacionado com a existência de galinhas. Quase tôdas as casas têm algumas galinhas, que dão ovos e carne.

NÍVEL RESIDENCIAL — O ponto mais grave é a implantação defeituosa de habitações por tôda parte e sem levar em conta o mínimo necessário às condições de higiene. Quanto à habitação como abrigo, como residência e como lar, a situação é catastrófica, e deveria ser classificada como calamidade pública.

NÍVEL ESCOLAR — A escola rural, em geral localizada à distância da casa do escolar, apresenta graves deficiências. Locais mal conservados, falta de higiene, falta de material escolar, mesmo rudimentar, substituição freqüente de professôres, e, em alguns casos, insuficiência pedagógica dos mestres — são características muito freqüentes nas escolas rurais paulistas.

Os resultados totais são maciços e não caberiam numa reportagem. Vale reproduzir, na parte de problemas urbanísticos, o que é dito sôbre a capital do Estado de São Paulo:

— "Na capital do Estado, erros tão consideráveis se vêem acumulados; o conjunto é tão desordenado, que não se percebe como seja possível a correção, se se leva em conta o custo dessa operação corretora. Assinalamos já a capital do Estado como um dos obstáculos ao desenvolvimento, e em particular, como um dos fatôres da diminuição da produtividade". Os pontos mais defeituosos: 1) Extensão espacial excessiva, da cidade e dos bairros; 2) Congestionamento excessivo dos bairros centrais, em conseqüência da construção tumultuosa de imóveis; 3) Ausência de grandes radiais em direção aos grandes conjuntos suburbanos; 4) Ausência de ligações perimetrais internas; 5) Insuficiência de espaço de estacionamento, de espaços verdes e de espaços de mercador; 6) Insuficiência de meios de transporte; 7) Má organização da circulação e dos dispositivos de sinalização; 8) Desorganização de bairros e concentração excessiva dos serviços públicos e privados nos bairros centrais.

O próximo levantamento a ser procedido pelo padre Lebret é o do Rio Grande do Sul, onde êle já se encontra.

4 de Agôsto de 1956

A prisão revela 19 escrito

Dentre os oitenta detentos do Carandiru que freqüentaram o curso de literatura da A.B.D.E. estava o famigerado "Sete Dedos", hoje novamente Benedito Lima César.

OITENTA, dos 1.350 detentos da Penitenciária de Carandiru, completaram o curso de literatura ministrado pela Associação Brasileira de Escritores (seção de São Paulo). Consuma-se, assim, mais uma etapa nas reformas que vêm sendo introduzidas ali pelo seu atual diretor João Ranali, no sentido de criar no famoso presídio paulista novas condições de vida carcerária (MANCHETE-212). Na primeira etapa, tôda ela visando à correção psicológica do detento, através de trabalho livremente escolhido, surgiram inesperadas vocações artísticas e intelectuais. Como conseqüência, nasceu a idéia de um torneio literário interno (contos), estimulado pelo diretor penal e de instrução, Carlos Vasconcelos de Camargo, e pelo qual se interessou o editor José Olympio, instituindo prêmios aos melhores classificados. Inscreveram-se 40 concorrentes, 19 dêles conseguiram colocação nas provas eliminatórias e, agora, juntamente com os diplomas conferidos pela ABDE aos que concluíram o curso, foram distribuídos os lauréis aos vitoriosos do concurso, em tocante cerimônia solene. O júri, constituído pelos escritores Mario Donato (presidente da ABDE) e Edgard Cavalheiro, jornalista Daniel Linguanotto, criminalistas João Gomes da Silva (diretor dos Institutos Penais do Estado) e Flamínio Favero (catedrático da Faculdade de Direito) e pelo diretor João Ranali, julgou os trabalhos apresentados levando em conta o seu "valor literário, tratamento dado aos assuntos e fluência de narração", segundo os têrmos do regulamento.

O concurso será repetido periòdicamente e a diretoria do Carandiru pensa em reunir os trabalhos distinguidos em livro, impresso nas suas próprias oficinas, creditando a renda aos seus autores. Tal foi o sucesso do concurso que o deputado Araripe Serpa apresentou à Assembléia Legislativa um projeto instituindo a verba anual de 50 mil cruzeiros, destinados às futuras premiações.

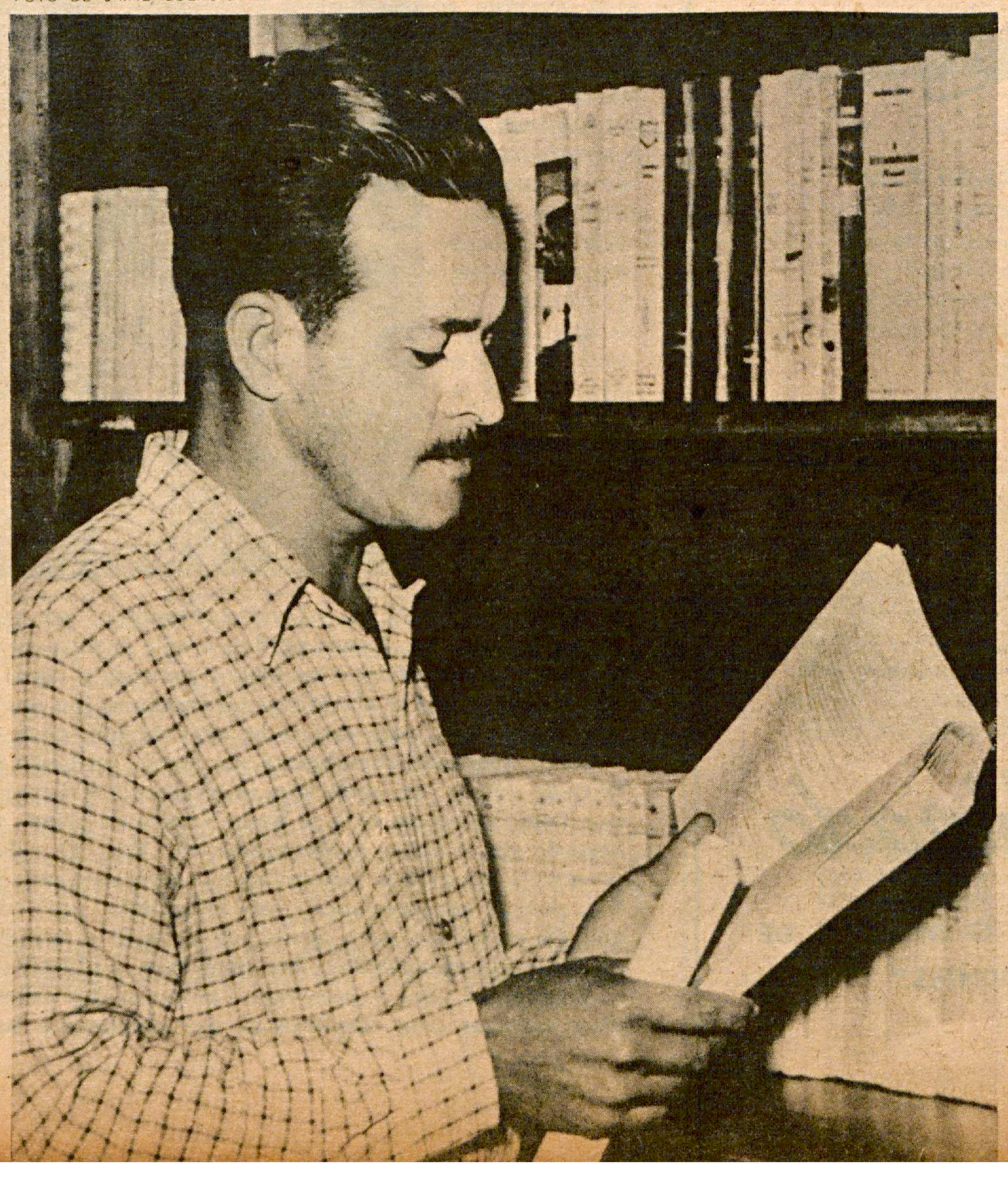
res

Reportagem de Daniel Linguanotto

Fotografias de Ivo Barretti

PAULO MACHADO DE LIMA — Classificou-se em primeiro lugar com o conto "O Bibi do Gaúcho". Como todos os outros concorrentes, Paulo começou a escrever na Penitenciária. Ex-corretor de negócios, criado na Inglaterra, conheceu tôda a Europa e as Américas. "Depois de correr o grande mundo — diz — encontrei-me, de uma hora para outra, no pequeno mundo de uma cela e quase louco de dor". Condenado por estelionato, sentiu-se só quando a espôsa, a quem amava, abandonou-o. Trancafiado na cela, refugiou-se nos livros. Reconhece que sua literatura se assemelha à do norte-americano O. Henry. O "Bibi do Gaúcho" é seu oitavo conto. É a história de "pequenas realidades (supostas) da vida carcerária". Fêz, por isso, preceder o trabalho de uma legenda: "Qualquer semelhança entre os personagens aqui descritos e pessoas da vida real é intencional. Enquanto os acontecimentos, caso se repetissem, seriam meras coincidências". Tem uma peça, que pretende encenar no Teatro Experimental do Sentenciado, de que é diretor.

FOTO DE JAIME COLAGIOVANNI



HERMÓGENES PERES DA COSTA — Seu primeiro conto, "Tramas do Destino", mereceu o 2º. lugar no concurso. É quase um roteiro cinematográfico contando a história de trabalhadores das docas de Santos que, deixando o trabalho, foram surpreendidos pela chuva e reuniram-se em um bar. Comentam fatos do dia, discutem futebol, enquanto um dêles lastima que não tivesse atendido ao apêlo da espôsa para levar o guarda-chuva, pois, se assim fôsse já estaria em casa brincando com o filho recém-nascido. Sùbitamente, ouvem um forte estrondo: o morro ruíra, produzindo aquela catástrofe que abalou Santos em março último. Todos deixam o bar. A casa do operário que se lastimava está soterrada. Alucinado, êle quer desobstruí-la a canivete. Percebe, porém o absurdo e volta o canivete contra o peito, para matar-se. Mas, apenas corta o peito. Sucedem-se cenas de "background", no hospital. Por fim, a porta do quarto a que foi recolhido o quase suicida abre-se e entram sua espôsa e o filho: quando começou a chover ela saiu para levar-lhe o guarda-chuva. Hermógenes, que está prêso há 5 anos, deixou os estudos no 4º. ano primário. Saiu de casa e andou por diversas regiões. Já mocinho, voltou e, com o pai, aprendeu prótese dentária. Saiu, novamente, foi para São Paulo e terminou na Penitenciária. Aí, entrou em contato com os livros e começou a escrever. Ao sair, em setembro, espera trabalhar na imprensa. Acha que o prêmio foi um estímulo em sua vida: de homem amargo que era, tornou-se feliz.

A RADIO ELDORADO

APRESENTA
DIARIAMENTE ÀS 22 HORAS
Uma oferta dos produtos de beleza
helena rubinstein

"CONCERTO-ELDORADO"

O programa de maior hierarquia no rádio carioca. A música dos grandes mestres na interpretação das maiores orquestras do mundo!

ZYZ-22

550 Kcs.

Rádio Eldorado

"O MÍNIMO DE PALAVRAS — O MÁXIMO DE PRAZER PARA OS OUVINTES"

Êles contam histórias tão dolorosas quanto suas vidas.

ALESSANDRO MALAVASI — Classificou-se em terceiro lugar com o conto "Por uma tigela de arroz". Só não foi premiado com maior destaque porque o júri teria considerado tratar-se, antes, de um trecho de romance. Malavasi, contudo, explica que "o antes e o depois estão por conta da imaginação do leitor, já que envolvem debates longos e o regulamento admitia apenas 8 laudas". Malavasi nasceu em Modena, Itália, em 1923, vindo para o Brasil em 47. É advogado e, em sua terra, escrevia com fins didáticos, quando professor de economia política. Durante a última guerra foi marinheiro e depois patrulheiro, a serviço dos aliados. Para o conto, sua primeira obra de ficção, inspirou-se numa foto antiga em que aparecem crianças chinesas, famintas, em volta de uma tigela de arroz. Malavasi imaginou, então, dois veteranos de guerra percorrendo, num caminhão, uma região qualquer da Ásia. Discutindo política econômica e alimentação viram fome e desolação por tôda parte. Quando encontram um depósito de arroz incendiado, propositadamente porque a safra na região fôra excessiva, um veterano enlouquece de ódio e, nas alucinações, vê crianças morrendo à míngua e homens lutando por comida. O nome de Malavasi tornou-se conhecido quando, há uns 5 anos, foi acusado de rapto do filho de Matarazzo. É dos detentos de melhor comportamento, auxiliar do Departamento de Biotipologia da Penitenciária. Lamenta não dominar, emocionalmente, o idioma português e, assim, ignorar quando na revisão melhora ou não o seu texto.

DARCÍLIO FINATTI — Quarto colocado. Tem apenas 21 anos. Nascido em Franca, aos 4 anos perdeu a mãe e, durante tôda a sua vida, viu o pai apenas 15 vêzes. Completou sòmente o curso primário. "O valor secreto", com que se classificou no concurso, é o seu primeiro conto. Diz que se inscreveu para esclarecer uma dúvida: sabia ou não escrever? Ao voltar à liberdade abandonará sua antiga profissão (viajante de uma fábrica de sabão) para dedicar-se inteiramente à literatura. Está lendo muito. Tomou contato com os livros depois de prêso. Gosta de música, sobretudo de Wagner e Shostakowiski. Em "O valor secreto" conta os reveses de um garôto, leiteiro, que se apaixona pela professôra do grupo. Ela, porém, ignora-o quer como admirador quer como aluno, por mais que êle se esforce para atrair sua atenção e sua simpatia. Darcílio Finatti diz que desenvolveu êsse tema com o objetivo precípuo de alertar os professôres para a psicologia complexa das crianças, na maioria das vêzes tratadas com displicência, principalmente nas escolas públicas.

NESTOR DE HOLANDA

Duas garantias de agrado nos programas humorísticos da Nacional carioca: Germano e Haydée Fernandes. Bons cômicos.

OS MÚSICOS

No rádio, nas salas de direção, sempre que são estudadas certas determinações, os dirigentes saem pedindo a Deus que os músicos fiquem de acôrdo. Como a vida usa muita coisa pelo método confuso, tenho visto arbitrários das administrações chamarem a classe musical de eterno estôrvo, isto porque, sempre coesos, embora ordeiros e eficientes, os homens das orquestras não levam para casa o ranço amargo da humilhação que provocam as decisões despóticas, pois sabem — e estão certos — que, quando não procede assim, o cordeiro, eterno submisso, jamais pode fitar, num espelho, os próprios olhos... Escusado dizer que, antes de qualquer coisa, os soberanos do rádio deveriam admirar a união dêsses trabalhadores, o amor que êles têm à profissão que adotaram. Mas não sabem proceder assim. Não têm alguns a hombridade necessária para dizer que, na verdade, temem os que não se deixam explorar. E, por isso, são os músicos chamados de empecilhos... A rádio e a televisão Tupi sofreram, há pouco, por exemplo, uma violenta parede. Ficaram as duas emissoras sem orquestras, durante longa temporada, e é fácil de avaliar-se o prejuízo que isso causou. Dircinha e Linda Batista tiveram suas estréias retardadas. Consta que anunciantes vários retiraram programas. Ouvintes e telespectadores giraram, para outras emissoras, seus aparelhos receptores. E, antes que coisa pior acontecesse, a direção-geral das duas organizações cedeu à reivindicação lícita da classe musical, o que representou vitória digna de aprêço de um grupo laborioso e sacrificado. Confesso que episódios dessa natureza me falam de perto. Sensibilizam-me. Abrem um crédito de confiança e respeito pelos que sabem defender os interêsses de sua classe. E não resisto à tentação de saudar êsses heróis anônimos que tanto souberam honrar a profissão que exercem. Mas, por outro lado, chega-me às mãos o Boletim do Sindicato dos Músicos, no qual figura, na primeira página, sob o epíteto de "Triste notoriedade", o flagrante de uma orquestra improvisada composta de homens que "furaram" a greve. Estão nessa fotografia: Carioca (regendo), Mozart Brandão ao piano, o flautista Brandão, Raimundo Lourenço ao soprar na clarineta, Carmen Boisson agarrado à viola, os violinistas Roberto e Maria Helena Faine, o violonista Rogério Guimarães e um Arlindo que, segundo a legenda, "não é músico e finge tocar contra-baixo"...

COISAS *João Dias deixou a Bandeirantes. Pagou a multa de 84 mil cruzeiros em troca de novo ordenado: 120 mil.* ● *Heloísa Helena nos Estados Unidos e sua falta é sentida em alguns programas da TV-6.* ● *Cauby Peixoto: TV-13, Copacabana-Palace e Nacional carioca.* ● *Salva-se o cronista Antônio Maria das ruas de Paris, para voltar ao rádio do Rio. Admiradores do homem que é gordo de tanto bom-humor andaram até pensando que o rádio iria perdê-lo...* ● *Desta vez, coube a Alcino Diniz ir estudar televisão nos Estados Unidos.* ● *"Lira do Xopotó", ótimo programa de Paulo Roberto, volta a ser apresentado pela PRE-8, com a participação da dupla Jararaca-Ratinho.* ● *Noélia Noel regressa do Japão, onde (afirma) fêz um negócio da China...* ● *Francisco Imperial na Televisão-Tupi.* ● *E um cronista, julgando que Paula Nei era gordo (ou julgando que Antônio Maria é magro) chamou Antônio Maria de "o Paula Nei moderno"...*

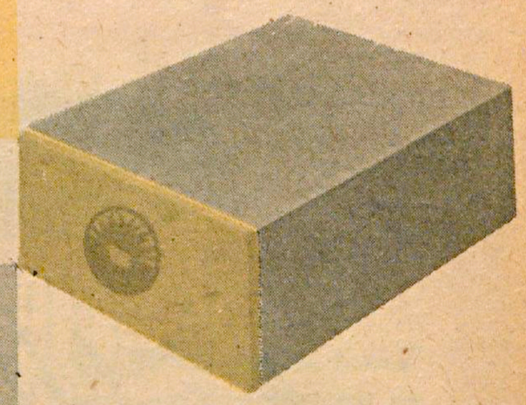
durabilidade e distinção

nos pés de homens e crianças!

MEIAS IRIS

calçam as pessoas de classe!

PARA HOMENS:
Nylon, tamanho único, várias côres. Lã, em vários tamanhos, com desenho original, absolutamente inédito no Brasil. Tecido de origem francesa.



PARA CRIANÇAS:
Nylon helanca, nos tamanhos pequeno, médio e grande.
Nylon, em todos os tamanhos.

Um produto

INDÚSTRIA DE MEIAS IRIS LTDA.

Rua Aurélia, 665 – Telefone: 5-0716 – São Paulo

MEIAS IRIS

O verdadeiro caminho da Beleza

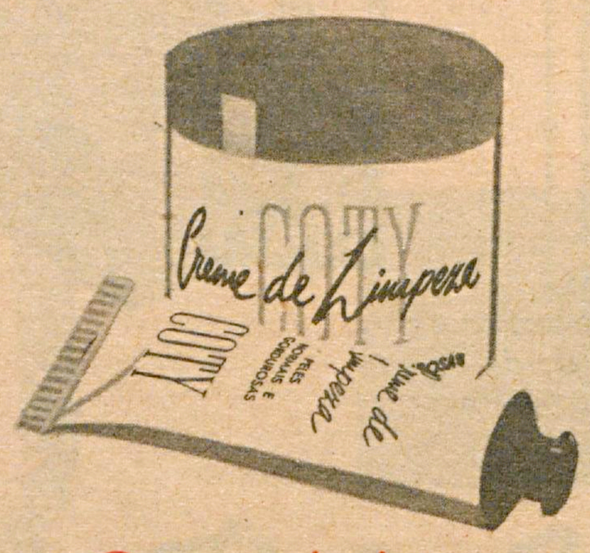
Para sua completa satisfação, siga confiante o "Verdadeiro Caminho da Beleza" — o caminho que o Departamento de Beleza Coty lhe oferece. Produtos da mais alta qualidade... um método ***simples, rápido e eficaz...*** e sua pele se manterá sempre limpa, jovem e sedutora.

Três condições são essenciais à obtenção de uma cútis perfeita e realmente bela:

- Cuidados permanentes para mantê-la sempre em estado de impecável limpeza
- escolha acertada dos produtos
- método adequado para aplicá-los

O Departamento de Beleza Coty, cujo objetivo é a ***sua beleza,*** põe à sua disposição os seguintes preparados:

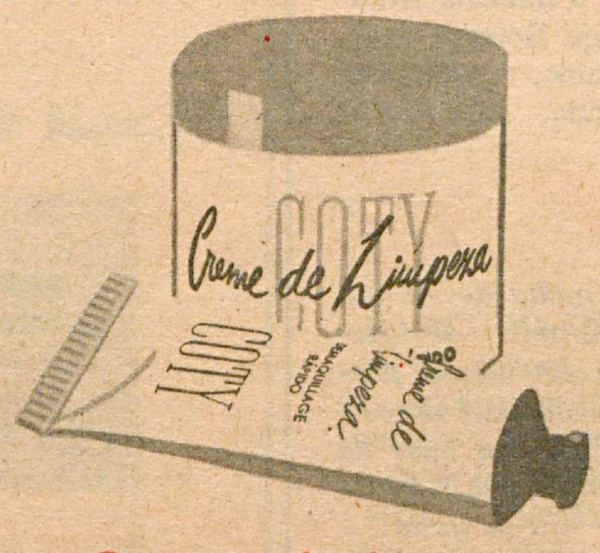
1) PARA LIMPEZA



Creme de Limpeza

para peles normais e gordurosas

em tubo e em pote



Creme de Limpeza

para "demaquillage" rápido - para acne e poros dilatados

em tubo e em pote

Creme de Limpeza

para peles sêcas

em tubo e em pote

2) PARA TONIFICAR

Loção Tônica

complemento indispensável dos cremes de limpeza

Dois tamanhos